

# A Orgia dos Duendes

## Bernardo Guimarães

I

Meia-noite soou na floresta  
No relógio de sino de pau;  
E a velhinha, rainha da festa,  
Se assentou sobre o grande jirau.

*Lobisome* apanhava os gravetos  
E a fogueira no chão acendia,  
Revirando os compridos espetos,  
Para a ceia da grande folia.

Junto dele um vermelho diabo  
Que saíra do antro das focas,  
Pendurado num pau pelo rabo,  
No borralho torrava pipocas.

*Taturana*, uma bruxa amarela,  
Resmungando com ar carrancudo,  
Se ocupava em frigar na panela  
Um menino com tripas e tudo.

*Getirana* com todo o sossego  
A caldeira da sopa adubava  
Com o sangue de um velho morcego,  
Que ali mesmo co'as unhas sangrava.

*Mamangava* frigia nas banhas  
Que tirou do cachaço de um frade  
Adubado com pernas de aranha,  
Fresco lombo de um frei dom abade.

Vento sul sobiou na cumbuca,  
*Galo-Preto* na cinza espojou;  
Por três vezes zumbiu a mutuca,  
No cupim o macuco piou.

E a rainha co'as mãos ressequidas  
O sinal por três vezes foi dando,  
A corte das almas perdidas  
Desta sorte ao batuque chamando:

"Vinde, ó filhas do oco do pau,  
Lagartixas do rabo vermelho,  
Vinde, vinde tocar marimbau,  
Que hoje é festa de grande aparelho.

Raparigas do monte das cobras,  
Que fazeis lá no fundo da brenha?  
Do sepulcro trazei-me as abobras,  
E do inferno os meus feixes de lenha.

Ide já procurar-me a bandurra  
Que me deu minha tia Marselha,  
E que aos ventos da noite sussura,  
Pendurada no arco-da-velha.

Onde estás, que inda aqui não te vejo,  
*Esqueleto* gamenho e gentil?  
Eu quisera acordar-te c'um beijo ]  
Lá no teu tenebroso covil.

*Galo-preto* da torre da morte,  
Que te aninhas em leito de brasas,  
Vem agora esquecer tua sorte,  
Vem-me em torno arrastar tuas asas.

*Sapo-inchado*, que moras na cova  
Onde a mão do defunto enterrei,  
Tu não sabes que hoje é lua nova,  
Que é o dia das danças da lei?

Tu também, ó gentil *Crocodilo*,  
Não deplores o suco das uvas;  
Vem beber excelente restilo  
Que eu do pranto extraí das viúvas.

*Lobisome*, que fazes, meu bem  
Que não vens ao sagrado batuque?  
Como tratas com tanto desdém,  
Quem a c'roa te deu de grão-duque?"

## II

Mil duendes dos antros saíram  
Batucando e batendo matracas,  
E mil bruxas uivando surgiram,  
Cavalgando em compridas estacas.

Três diabos vestidos de roxo  
Se assentaram aos pés da rainha,  
E um deles, que tinha o pé coxo,  
Começou a tocar campainha.

Campainha, que toca, é caveira  
Com badalo de casco de burro,  
Que no meio da selva agoureira  
Vai fazendo medonho sussurro.

Capetinhas, trepados nos galhos  
Com o rabo enrolado no pau,  
Uns agitam sonoros chocalhos,  
Outros põem-se a tocar marimbau.

*Crocodilo* roncava no papo  
Com ruído de grande fragor:  
E na inchada barriga de um sapo  
*Esqueleto* tocava tambor.

Da carcaça de um seco defunto  
E das tripas de um velho barão,  
De uma bruxa engenhosa o bestunto  
Armou logo feroz rabecão.

Assentado nos pés da rainha  
*Lobisome* batia a batuta  
Co'a canela de um frade, que tinha  
Inda um pouco de carne corruta.

Já ressoam timbales e rufos,  
Ferve a dança do cateretê;  
*Taturana*, batendo os adufos,  
Sapateia cantando — o le rê!

*Getirana*, bruxinha tarasca,  
Arranhando fanhosa bandurra,  
Com tremenda embigada descasca  
A barriga do velho *Caturra*.

O *Caturra* era um sapo papudo  
Com dous chifres vermelhos na testa,  
e era ele, a despeito de tudo,  
O rapaz mais patusco da festa.

Já no meio da roda zurrando  
Aparece a *mula-sem-cabeça*,  
Bate palmas, a súcia berrando  
— Viva, viva a Sra. Condessa!...

E dançando em redor da fogueira  
vão girando, girando sem fim;  
Cada qual uma estrofe agoureira  
Vão cantando alternados assim:

III

#### TATURANA

Dos prazeres de amor as primícias,  
De meu pai entre os braços gozei;  
E de amor as extremas delícias  
Deu-me um filho, que dele gerei.

Mas se minha fraqueza foi tanta,  
De um convento fui freira professa;  
Onde morte morri de uma santa;  
Vejam lá, que tal foi esta peça.

#### GETIRANA

Por conselhos de um cônego abade  
Dous maridos na cova soquei;  
E depois por amores de um frade  
Ao suplício o abade arrastei.

Os amantes, a quem despojei,  
Conduzi das desgraças ao cúmulo,  
E alguns filhos, por artes que sei,  
Me caíram do ventre no túmulo.

#### GALO-PRETO

Como frade de um santo convento  
Este gordo toutiço criei;  
E de lindas donzelas um cento  
No altar da luxúria imolei.

Mas na vida beata de ascético  
Mui contrito rezei, jejuei,  
Té que um dia de ataque apoplético  
Nos abismos do inferno estourei.

## ESQUELETO

Por fazer aos mortais crua guerra  
Mil fogueiras no mundo ateei;  
Quantos vivos queimei sobre a terra,  
Já eu mesmo contá-los não sei.

Das severas virtudes monásticas  
Dei no entanto piedosos exemplos;  
E por isso cabeças fantásticas  
Inda me erguem altares e templos.

## MULA-SEM-CABEÇA

Por um bispo eu morria de amores,  
Que afinal meus extremos pagou;  
Meu marido, fervendo em furores  
De ciúmes, o bispo matou.

Do consórcio enjoei-me dos laços,  
E ansiosa quis vê-los quebrados,  
Meu marido piquei em pedaços,  
E depois o comi aos bocados.

Entre galas, veludo e damasco  
Eu vivi, bela e nobre condessa;  
E por fim entre as mãos do carrasco  
Sobre um cepo perdi a cabeça.

## CROCODILO

Eu fui papa; e aos meus inimigos  
Para o inferno mandei c'um aceno;  
E também por servir aos amigos  
té nas hóstias botava veneno.

De princesas cruéis e devassas  
Fui na terra constante patrono;  
Por gozar de seus mimos e graças  
Opiei aos maridos sem sono.

Eu na terra vigário de Cristo,  
Que nas mãos tinha a chave do céu,  
Eis que um dia de um golpe imprevisto  
Nos infernos caí de boléu.

## LOBISOME

Eu fui rei, e aos vassalos fiéis  
Por chalaça mandava enforcar;  
E sabia por modos cruéis  
As esposas e filhas roubar.

Do meu reino e de minhas cidades  
O talento e a virtude enxotei;  
De michelas, carrascos e frades  
Do meu trono os degraus rodeei.

Com o sangue e suor de meus povos  
Diverti-me e criei esta pança,  
Para enfim, urros dando e corcovos,  
Vir ao demo servir de pitança.

#### RAINHA

Já no ventre materno fui boa;  
Minha mãe, ao nascer, eu matei;  
E a meu pai, por herdar-lhe a coroa  
Eu seu leito co'as mãos esganei.

Um irmão mais idoso que eu,  
C'uma pedra amarrada ao pescoço,  
Atirado às ocultas morreu  
Afogado no fundo de um poço.

Em marido nenhum achei jeito;  
Ao primeiro, o qual tinha ciúmes,  
Uma noite co'as colchas do leito  
Abafei para sempre os queixumes.

Ao segundo, da torre do paço  
Despenhei por me ser desleal;  
Ao terceiro por fim num abraço  
pelas costas cravei-lhe um punhal.

Entre a turba de meus servidores  
Recrutei meus amantes de um dia;  
Quem gozava meus régios favores  
Nos abismos do mar se sumia.

No banquete infernal da luxúria  
Quantos vasos aos lábios chegava,  
Satisfeita aos desejos a fúria,  
Sem piedade depois os quebrava.

Quem pratica proezas tamanhas  
Cá não veio por fraca e mesquinha,  
E merece por suas façanhas  
Inda mesmo entre vós ser rainha.

#### IV

Do batuque infernal, que não finda,  
Turbilhona o fatal rodopio;  
Mais veloz, mais veloz, mais ainda  
Ferve a dança como um corrupio.

Mas eis que no mais quente da festa  
Um rebenque estalando se ouviu,  
Galopando através da floresta  
Magro espectro sinistro surgiu

Hediondo esqueleto aos arrancos  
Chocalhava nas abas da sela;  
Era a Morte, que vinha de tranco  
Amontada numa égua amarela.

O terrível rebenque zunindo  
A nojenta canalha enxotava;

E à esquerda e à direita zurzindo  
Com voz rouca desta arte bradava:

"Fora, fora! esqueletos poentos,  
Lobisomes, e bruxas mirradas!  
Para a cova esses ossos nojentos!  
Para o inferno essas almas danadas!"

Um estouro rebenta nas selvas,  
Que recendem com cheiro de enxofre;  
E na terra por baixo das relvas  
Toda a súcia sumiu-se de chofre.

V

E aos primeiros albores do dia  
Nem ao menos se viam vestígios  
Da nefanda, asquerosa folia,  
Dessa noite de horrendos prodígios.

E nos ramos saltavam as aves  
Gorjeando canoros queixumes,  
E brincavam as auras suaves  
Entre as flores colhendo perfumes.

E na sombra daquele arvoredor,  
Que inda há pouco viu tantos horrores,  
Passeando sozinha e sem medo  
Linda virgem cismava de amores.

FIM